

Conhecimento sobre fitoterapia por estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis

Knowledge about phytotherapy of nutrition students from a university in Grande Florianópolis

Karina Campos Schwarz¹, Marília Costa de Araujo¹

¹Universidade do Sul de Santa Catarina

²Professora Mestre do curso de Nutrição da Universidade do Sul de Santa Catarina

E-mail: Karina Campos Schwarz – ntr.karinas@gmail.com

Resumo

Introdução: Fitoterapia é o termo dado ao uso de compostos ativos de plantas ou derivados vegetais para fins terapêuticos, prática difundida mundialmente. Todos os nutricionistas podem se utilizar de plantas medicinais como complemento da prescrição dietética, porém, plantas possuem compostos com ação farmacológica, as quais se utilizadas com posologia e tempo de uso inadequados, podem prejudicar a saúde humana causando desde desequilíbrios orgânicos até toxicidade de graus elevados, o que aponta à necessidade de conhecimento do tema pelos estudantes de Nutrição. **Objetivo:** Avaliar o conhecimento de estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis sobre fitoterapia. **Método:** Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado baseado no trabalho de Moura et al.¹², sobre o perfil dos estudantes, conhecimento do conceito, uso de fitoterapia, plantas medicinais e suas indicações, aplicado em 72 estudantes do curso de Nutrição. **Resultados:** 80,56% dos participantes conhecem o conceito de fitoterapia, porém, apenas 11,11% (n=8) souberam a diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais. Quanto ao conhecimento da indicação das plantas medicinais, 98,61% (n=71) dos participantes responderam corretamente sobre indicação de Camomila (98,61%), Guaraná (77,78%), Guaco (56,94%), Valeriana (52,78%), Espinheira-santa (52,78%), Boldo (47,22%) e Hortelã (43,06%). **Conclusão:** Os resultados obtidos sugerem que existe conhecimento sobre plantas medicinais pelos estudantes do curso de Nutrição, porém este conhecimento é demasiado escasso para a prescrição com segurança. Percebe-se, assim, a necessidade da discussão do tema em uma disciplina específica que trate da legislação relacionada à Fitoterapia, indicações, efeitos adversos, doses e formas de uso das plantas medicinais.

Palavras-chave: Fitoterapia. Estudantes de Ciências da Saúde. Plantas Medicinais.

Abstract

Introduction: Phytotherapy is the term given to the use of active plant compounds or plant derivatives for therapeutic purposes, a practice spread worldwide. Every nutritionist can use medicinal plants as a complement to a dietary prescription, however, plants have compounds with pharmacological action, which, if used with inappropriate dosage and time of use, can harm human health, causing from organic imbalances and even high degrees of toxicity in human body, which

highlights the need for education on the subject for Nutrition students. **Objective:** To evaluate the knowledge about Phytotherapy of Nutrition students from a university in Grande Florianópolis. **Method:** The data was collected through a semi-structured questionnaire based on the work of Moura et al.¹², applied to 72 students of the Nutrition course, questioning the students' profile, their knowledge of the phytotherapy concept, uses of phytotherapy, medicinal plants and their usage indications. **Results:** 80.56% of the participants know the concept of Phytotherapy, but only 11.11% (n=8) were able to correctly distinguish herbal medicines from medicinal plants. As for the knowledge on the indication of medicinal plants, 98.61% (n=71) of the participants knew Chamomile (98.61%), Guarana (77.78%), Guaco (56.94%), Valerian (52.78%), Maytenus (52.78%), Boldo (47.22%) and Mint (43.06%). **Conclusion:** The obtained results suggest that the students of the Nutrition course have some knowledge on medicinal plants, however, this knowledge it's too scarce for safe prescription. Thus, it is recognized the need to discuss the subject in a specific discipline that deals with legislation related to the Phytotherapy, indications, adverse effects, dosage and forms of use of medicinal plants.

Keywords: Phytotherapy. Students of Health Occupations. Medicinal Plants.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais para aliviar ou curar enfermidades é uma prática antiga e difundida no mundo todo, e deste conhecimento surgiu a fitoterapia, ciência que tem por objeto de estudo o uso de compostos ativos de plantas ou derivados para fins terapêuticos. Usualmente, o tratamento a partir da fitoterapia ocorre pelo uso de uma planta ou droga vegetal consumida na forma de chá medicinal, ou por meio de fitoterápico, sendo este o resultado de um processo de industrialização de uma planta, de onde se obtém matérias primas ativas^{1,2,3}.

Sabendo do benefício que a fitoterapia pode promover, em 1978 a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a recomendar que seus estados-membros utilizassem do conhecimento da fitoterapia para formular políticas e regulamentações, reiterando isso no período de 2002/2005 onde lançou uma estratégia global sobre medicina tradicional/medicina complementar e alternativa⁴.

O Brasil detém uma diversidade cultural e étnica que abriga o conhecimento de diversas práticas populares, que contempla o uso de plantas medicinais na forma de remédios caseiros. No entanto, a fitoterapia somente ganhou notoriedade científica em seu território, quando o Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006, aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e

Complementares (PNPIC), incluindo então a fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS)⁵.

No âmbito da Nutrição, a fitoterapia aparece pela primeira vez no ano de 2007, quando o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN), por meio da Resolução CFN nº 402, de 30 de julho de 2007, regulamentou a prescrição fitoterápica pelo nutricionista⁶.

Atualmente, vigora a Resolução CFN nº 680, de 19 de janeiro de 2021, que regulamenta a prática de fitoterapia. Além disso, em seu art. 3º resolve que é permitida a prescrição de plantas medicinais *in natura* e drogas vegetais, na forma de infusão, decocção e maceração em água por todos os nutricionistas, e a prescrição de medicamentos fitoterápicos, drogas vegetais em formas farmacêuticas, produtos tradicionais fitoterápicos e preparações magistrais, somente é permitida ao nutricionista que possua certificado de curso de pós-graduação *lato sensu* em nível de especialização em fitoterapia, emitido por instituição de ensino credenciada pelo Ministério da Educação, ou que possua o título de especialista na área conferido pela Associação Brasileira de Nutrição (ASBRAN)⁷.

O ensino de fitoterapia para o nutricionista é recomendado pelo Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) pela Resolução CFN nº 525, de 25 de junho de 2013, bem como pelas diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Nutrição, instituídas pela Resolução CNE/CES nº 5, de 7 de novembro de 2001, que determinam que a formação do nutricionista deve abranger as necessidades sociais da saúde com o foco no SUS^{8,9}.

O conhecimento da fitoterapia é de extrema importância, pois apenas ensinamentos embasados cientificamente levarão o profissional a um aprimoramento, possibilitando a utilização da fitoterapia com maior segurança, visto que as plantas possuem compostos com ação farmacológica e, quando utilizadas em doses e tempo de uso inadequado, podem provocar alterações clínicas que vão desde desequilíbrios orgânicos e até toxicidade^{10,11}.

Dessa forma, considerando que todos os nutricionistas podem usufruir da fitoterapia por meio da prescrição de plantas medicinais e drogas vegetais com o fim de complementar sua conduta dietética, essa pesquisa teve como objetivo analisar o conhecimento sobre fitoterapia dos estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis.

MÉTODO

Tratou-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa e do tipo descritivo, realizado por meio da aplicação de um questionário on-line e individual, nos meses de agosto e setembro de 2020. A população do estudo foi constituída pelos estudantes do curso de Nutrição de uma instituição de ensino superior a qual não possui disciplina específica de fitoterapia na grade curricular e foi selecionada por conveniência. Determinou-se a amostra pelo número de 147 alunos matriculados no primeiro semestre de 2020, por meio do site OpenEpi® que resultou em 107 estudantes, considerando um intervalo de confiança de 95%.

A pesquisa obedeceu aos preceitos éticos para pesquisa com seres humanos, conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Teve seu início após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob o parecer de número: 4.196.369. A participação foi voluntária e os estudantes concordaram e deram aceite por meio da assinatura eletrônica do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram incluídos na amostra estudantes do curso de Nutrição, de ambos os gêneros, com idade igual ou superior a 18 anos, regularmente matriculados e ativos no primeiro semestre de 2020 na instituição de ensino escolhida e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo excluídas quatro respostas devido à duplicidade.

Os estudantes de Nutrição responderam a um questionário on-line semiestruturado, elaborado no Google Forms®, baseado no trabalho de Moura et al.¹². O questionário foi constituído de dezesseis questões, subdivididas em quatro blocos, que incluíam uma breve identificação do participante, seguido de questões sobre o conhecimento do conceito de fitoterapia, perguntas sobre o uso da fitoterapia e, por fim, para entender o nível de conhecimento sobre o tema abordado, um bloco sobre conhecimento de plantas medicinais e suas indicações. As plantas medicinais escolhidas para integrarem o questionário foram as apontadas para uso oral na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais – Renome 2018, sendo acrescentadas plantas medicinais que integram o Memento Fitoterápico como valeriana (*Valeriana officinalis L.*), guaraná (*Paullinia cupana Kunth*), camomila (*Matricaria chamomilla L.*) e boldo (*Peumus boldus Molina*)^{13,14}.

Para o presente estudo foi utilizado o programa Microsoft® Office Excel 2010 para tabulação dos dados coletados e estes foram posteriormente analisados no software

estatístico Stata 13.1[®]. Foi realizada a análise descritiva com apresentação dos dados em frequências absolutas e relativas. Os resultados foram avaliados por meio do teste qui quadrado ($p < 0,05$).

RESULTADOS

Fizeram parte deste estudo 72 participantes, sendo este número menor do que o esperado, o que pode ser justificado pela pandemia de COVID-19 que dificultou a comunicação com o público-alvo e consequentemente a adesão dos mesmos. A amostra foi composta em 93,06% (n=67) pelo gênero feminino e 6,94% (n=5) pelo gênero masculino. A idade média foi de $24,22 \pm 6,51$ anos variando entre 18 e 50 anos, contando com estudantes do 1º ao 9º semestre do curso de Nutrição, sendo 75% (n=54) naturais do estado de Santa Catarina e 25% (n=18) naturais de outros estados como Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Bahia, Pará, Maranhão e Minas Gerais. A Tabela 1 demonstra as características gerais dos participantes.

Tabela 1 - Perfil de estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis participantes de pesquisa sobre conhecimentos em fitoterapia. Palhoça, 2020.

Variáveis	n	%
Gênero		
Feminino	67	93,06
Masculino	5	6,94
Faixa etária		
18-25 anos	57	79,17
26-35 anos	9	12,50
36-45 anos	5	6,94
46-50 anos	1	1,39
Semestre acadêmico		
1º ao 3º	9	12,05
4º ao 6º	18	25,00
7º ao 9º	45	62,50
Naturalidade		
Santa Catarina	54	75,00
Outro Estado	18	25,00
Total	72	100

Dos participantes, 80,56% (n=58) afirmaram conhecer o conceito de fitoterapia, porém, apenas 11,11% (n=8) souberam a diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais, sendo este um conhecimento básico do tema. Não houve diferença estatisticamente significativa entre os semestres acadêmicos, como demonstrado nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 - Conhecimento de estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis sobre o conceito de fitoterapia. Palhoça, 2020.

Semestre	1° ao 3°		4° ao 6°		7° ao 9°		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sim	8	88,89	16	88,89	34	75,56	58	80,56
Não	1	11,11	2	11,11	11	24,44	14	19,44
Total	9	100	18	100	45	100	72	100

*p=0,384

Tabela 3 - Conhecimento de estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis sobre a diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais. Palhoça, 2020.

Semestre	1° ao 3°		4° ao 6°		7° ao 9°		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Acertou	1	11,11	3	16,67	4	8,89	8	11,11
Errou	1	11,11	3	16,67	10	22,22	14	19,44
Não respondeu	7	77,78	12	66,67	31	68,89	50	69,44
Total	9	100	18	100	45	100	72	100

*p= 0,847

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 4, 68,06% (n=49) dos estudantes citaram ter tido aulas sobre o tema durante a graduação. Em relação aos semestres, os participantes do 1° ao 3° semestre afirmaram em 100% (n=9) que tiveram aulas sobre o tema. Já para os estudantes do 4° ao 6° semestre e do 7° ao 9° apenas 61,11% (n=11) e 64,44% (n=29), respectivamente, indicaram que tiveram aulas sobre esse assunto. Quando questionados se gostariam que a fitoterapia fosse abordada na graduação em Nutrição, 100% (n=72) dos participantes responderam que sim (dado não apresentado em tabela).

Tabela 4 - Respostas acerca de temas relacionados à fitoterapia por estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis. Palhoça, 2020.

Semestre	1° ao 3°		4° ao 6°		7° ao 9°		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Fitoterapia já foi discutido em sala de aula? *								
Sim	9	100	11	61,11	29	64,44	49	68,06
Não	0	0,00	7	38,89	16	35,56	23	31,94
Acreditam possuir conhecimento para prescrever fitoterápicos? **								
Sim	2	22,22	1	5,56	7	15,6	10	13,89
Não	7	77,78	17	94,44	38	84,44	62	86,11

*p= 0,087

**p= 0,433

Em relação a conhecimento para realizar a prescrição de fitoterápicos (Tabela 4), 13,89% (n=10) dos participantes acreditaram possuí-lo, sendo 22,22% (n=2) do grupo 1° ao 3° semestre, 5,56% (n=1) do grupo 4 ao 6° semestre e 15,6 (n=7) do grupo 7° ao 9° semestre.

Sobre como os participantes obtêm conhecimento relativo ao tema foram citados: Internet (73,61%, n=53), Palestras (61,11%, n=44), Família (25,00%, n=18), Livros (23,61%, n=17), Cursos (22,22%, n=16) e Outros (6,94%, n=5), sendo que dentro de outros foram citados: cursando disciplinas de Naturologia, trabalho em loja de produtos naturais, universidade e projeto de extensão FITOSUS (dados não apresentados em tabela).

No quesito opinião, 91,67% (n=66) entendem não ser segura a prescrição de fitoterápicos por profissionais sem especialização, 98,61% (n=71) dos participantes acreditam na eficácia dos fitoterápicos e 70,83% (n=51) acreditam que a mídia influencia as pessoas a utilizarem fitoterápicos, resultados estes sem diferença significativa entre os semestres (dados não apresentados em tabelas).

Quanto à utilização de fitoterápicos e plantas medicinais, 69,44% (n=50) utilizam ou já utilizaram (Tabela 5), e quando questionados sobre quais plantas, os participantes citaram 52 plantas medicinais, sendo as predominantes: Camomila (20,83%, n=15), Hortelã (11,11%, n=8), Chá Verde (9,72%, n=7), Gengibre (6,94%, n=5), Hibisco (6,94%, n=5), Boldo (5,56%, n=4), Erva Cidreira (5,56%, n=4). Além disso, 13,89% (n=10) dos participantes citaram como resposta Chás, e em 16,67% (n=12) foram encontradas 12 respostas sem relação com fitoterapia, como florais e óleos essenciais, além categorias de remédios como calmantes e diuréticos.

Sobre quem indicou a utilização de fitoterápicos e plantas medicinais, os participantes responderam que em 43,06% (n=31) foi a Família, 31,94% (n=23) Pesquisou na Internet, 20,83% (n=15) Amigos, 15,28% (n=11) Nutricionista, 4,17% (n=3) Médico, e 12,50% (n=9) Outros, sendo estes: massagista, médium, farmacêutico, naturólogo, enfermeira, patroa e psicóloga (dados não apresentados em tabela).

Tabela 5 - Resposta sobre a utilização de fitoterápicos e/ou plantas medicinais por estudantes de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis. Palhoça, 2020.

Semestre	1º ao 3º		4º ao 6º		7º ao 9º		Total	
	N	%	n	%	n	%	n	%
Sim	6	66,67	14	77,78	30	66,78	50	69,44
Não	3	33,33	4	22,22	15	33,33	22	30,56
Total	9	100	18	100	45	100	72	100

*p=0,675

Questionados sobre se conhecem determinadas plantas medicinais, verificou-se que 100% (n=72) conhecem Camomila, 98,61% (n=71) Hortelã, 95,83% (n=69) Boldo,

87,50% (n=63) Guaraná, 70,83% (n=51) Alcachofra, 62,50% (n=45) Espinheira-santa, 56,94% (n=41) Guaco, 50,00% (n=36) Valeriana, 36,11% (n=26) Unha-de-gato, 29,17% (n=21) Salgueiro, 23,61% (n=17) Cáscara-sagrada, 18,06% (n=13) Isoflavona-de-soja, 16,67% (n=12) Garra-do-diabo, e 5,56% (n=4) Plantago. Houve diferença estatisticamente significativa entre os semestres para as plantas Guaco ($p=0,021$) e Plantago ($p=0,010$), sendo o conhecimento maior para as fases intermediárias (dados não apresentados em tabela).

Quando questionados sobre quais outras plantas os participantes conheciam, 40,28% (n=29) não responderam, porém o restante citou outras 57 plantas medicinais, sendo as que mais apareceram foram: Babosa (15,28%, n=11), Erva Doce (11,11%, n=8), Macela (11,11%, n=8), Malva (8,33%, n=6), Gengibre (8,33%, n=6), Alecrim (8,33%, n=6), Canela de Velho (6,94%, n=5), Erva Cidreira (5,56%, n=4), Hibisco (5,56%, n=4), e Sene (5,56%, n=4) (dados não apresentados em tabela).

Quanto ao conhecimento da indicação das plantas medicinais, 98,61% (n=71) dos participantes responderam corretamente a indicação de Camomila, 77,78% (n=56) Guaraná, 56,94% (n=41) Guaco, 52,78% (n=38) Valeriana, 52,78% (n=28) Espinheira-santa, 47,22% (n=34) Boldo, 43,06% (n=31) Hortelã, 37,50% (n=27) Alcachofra, 25,28% (n=11) Isoflavona-de-soja, 22,22% (n=16) Cáscara-sagrada, 15,28% (n=11) Unha-de-gato, 15,28% (n=11) Salgueiro, 15,28% (n=11) Garra-do-diabo, e 12,50% (n=9) Plantago. Houve significância estatística entre os semestres no conhecimento da indicação da Isoflavona-de-soja ($p=0,045$), sendo o conhecimento maior para as fases iniciais. Além disso, há destaque para o fato de a maior parte da amostra absteve-se de responder sobre a indicação de algumas plantas medicinais, sendo elas: Plantago (84,72%, n=61), Garra-do-diabo (77,78%, n=56%), Isoflavona-de-soja (76,39%, n=55), Cáscara-sagrada (73,61%, n=53), Salgueiro (70,83%, n=51), e Unha-de-gato (68,06%, n=49) (dados não apresentados em tabela).

DISCUSSÃO

O presente estudo avaliou o conhecimento de fitoterapia e opiniões relacionadas ao tema em 72 estudantes do curso de Nutrição de uma universidade da Grande Florianópolis, onde mais de 90% da amostra foi composta por participantes do gênero feminino, com idade média de $24,22 \pm 6,51$ anos, cursando do 1º ao 9º semestre acadêmico, e em sua maioria naturais do estado de Santa Catarina.

A predominância de mulheres foi semelhante à população encontrada na pesquisa de Feitosa et al., que avaliou o interesse de 248 universitários de cursos da área da Saúde sobre a inserção do conteúdo de plantas medicinais e fitoterápicos durante a graduação, no qual 70% pertenciam ao gênero feminino, bem como a média de idade que foi de 22,2 anos demonstrando se tratar de uma população jovem¹⁰.

Em relação ao conceito de fitoterapia, 80,56% informaram conhecer o conceito de fitoterapia, porém apenas 11,11% mencionaram corretamente a diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais. Este resultado demonstra que mesmo afirmando entender o conceito básico sobre o tema, os participantes em sua maioria não compreendem a diferença nos modos de utilização da fitoterapia, o qual seria um conhecimento essencial para poder utilizá-la como complemento da sua prescrição dietética no futuro. Dado também visto por Moura et al.¹², que avaliou o conhecimento de 74 graduandos de nutrição acerca das plantas medicinais e fitoterápicos, no qual 75,68% dos participantes sinalizaram conhecer o conceito de fitoterapia e cerca de 33,7% indicaram corretamente o que seria um fitoterápico.

No que se refere à fitoterapia e o curso de Nutrição, 68,06% dos estudantes citaram ter tido aulas onde o tema foi discutido, porém os resultados foram divergentes quando analisados por fases do curso, as fases iniciais afirmaram em 100%, já os estudantes das fases intermediárias e finais apontaram em 61,11% e 64,44% que o tema foi citado. Resultado semelhante ao estudo de Moura et al.¹², com acadêmicos de nutrição das fases finais da graduação (cerca de 77,03%), porém no estudo de Siqueira, Martins¹⁵, realizado com nutricionistas, foi apontada a ausência de discussão do tema durante a graduação, demonstrando que o mesmo vem sendo inserido aos poucos, justificando a mudança no resultado encontrado entre fases iniciais para as demais fases.

Dos participantes, 13,89% acreditam possuir conhecimento para realizar a prescrição de fitoterápicos, sendo este número maior para os estudantes das fases iniciais (22,22%) e menor para as fazer intermediárias e finais (5,56% e 15,6% respectivamente). O sentimento de capacidade para realizar a prescrição dos fitoterápicos, pode sugerir falta de conhecimento do tema fitoterapia, tendo em vista que, mesmo após concluírem a graduação, nenhum destes estudantes estarão aptos para realizar a prescrição de fitoterápicos antes de obterem certificado de pós-graduação *lato sensu* em nível de especialização em fitoterapia ou título de especialista concedido pela ASBRAN⁷.

No trabalho de Moura et al.¹², 13,51% dos estudantes de Nutrição da sexta à oitava fase afirmaram possuir conhecimentos, onde também a fase mais inferior apresentou número maior (31,82%) do que as demais (8,57% e 0,00%), porém no resultado encontrado por Siqueira, Martins¹⁵, profissionais nutricionistas apontaram a necessidade de ampliar a formação com mais estudos ou especialização após a graduação para a prescrição com segurança. Sabe-se que para um profissional realizar a prescrição de um fitoterápico, é necessário o domínio do vasto conhecimento da fitoterapia, que permeia desde o entendimento do efeito terapêutico, dosagem, forma de apresentação, tempo de uso, efeitos colaterais, interações com medicamentos, entre outros, que apenas o embasamento científico poderá proporcioná-los^{16,17}.

Ao serem questionados sobre a opinião de temas relacionados à fitoterapia, 91,67% dos participantes entendem não ser segura a prescrição de fitoterápicos por profissionais sem especialização. Comparando com os achados pelo tópico anterior, percebe-se que apenas 6 alunos dos 10 que citaram possuir conhecimento para prescrição acham que a prescrição de fitoterápicos pode ser realizada por alguém não especializado. Além disso, o resultado encontrado é parecido ao de Moura et al.¹², onde 83,78% dos estudantes de Nutrição não achavam segura a prescrição por profissionais sem especialização.

Os participantes obtiveram conhecimento sobre o tema a partir de Internet, Palestras, Família, Livros, Cursos e outros. Ao contrário do resultado encontrado no estudo de Correa, Soares, Muccilo-Baisch¹⁸, com acadêmicos de enfermagem, que afirmaram adquirirem o conhecimento sobre fitoterapia com maior frequência em livros, revistas, televisão, amigos, familiares, universidade, médicos e no trabalho. Em outro estudo realizado com estudantes de Nutrição, o conhecimento foi adquirido por indicação de amigos, vizinhos e parentes¹².

Em um estudo realizado com estudantes de medicina na Colômbia sobre o tema medicina tradicional os alunos sugeriram um desconforto em falar do tema com a comunidade local pois não possuíam domínio do assunto, declarando que durante a ação realizada a população se tornou a fonte do conhecimento dos mesmos¹⁹.

O fato de no presente estudo a universidade ter sido citada como fonte de conhecimento por apenas um participante, demonstra que mesmo tendo afirmado em maioria que o assunto já foi debatido em sala de aula, o mesmo pode não ter sido muito explorado, uma vez que a instituição de ensino não possui uma disciplina

específica de fitoterapia, reforçando o achado de Santos et al.¹⁶, onde de 11 instituições analisadas no estado do Piauí cerca de 73% não ofertam disciplina de fitoterapia no curso de Nutrição²⁰. Esta ausência de disciplinas que abordem a fitoterapia extremamente apontada como dificultador para a prescrição de fitoterápicos por meio dos profissionais de saúde^{21,22}.

Quanto à utilização de fitoterápicos e plantas medicinais, 69,44% (n=50) utilizam ou já utilizaram, indicando em sua maioria plantas medicinais como camomila, hortelã, chá verde, boldo. Neste quesito, foram encontradas 12 respostas sem relação com fitoterápicos ou plantas medicinais, demonstrando falta de conhecimento dos estudantes sobre o assunto, sendo citados em maioria florais e óleos essenciais, itens utilizados por Práticas Integrativas e Complementares como terapia floral e aromaterapia²³.

Questionados sobre o conhecimento de determinadas plantas medicinais os participantes demonstraram conhecer Camomila (100%), Hortelã (98,61%), Boldo (95,83%), Guaraná (87,50%), Alcachofra (70,83%), Espinheira-santa (62,50%), Guaco (56,94%), Valeriana (50,00%), Unha-de-gato (36,11%), Salgueiro (29,17%), Cáscara-sagrada (23,61%), Isoflavona-de-soja (18,06%), Garra-do-diabo (16,67%), e Plantago (5,56%). No estudo realizado por Moura et al.¹², onde os participantes citaram as plantas que mais conheciam os resultados foram de Boldo (81,08%), Erva doce (81,08%), Hortelã (66,22%), Camomila (59,46%), Romã (58,11%), Alho (54,05%), Maracujá (50%), Eucalipto (47,30%), Aloe/Babosa (43,24%), Guaraná (21,62%), Cascara Sagrada (12,16%), Castanha da Índia (12,16%), Alcachofra (10,81%), Sabugueiro (8,11%), Calêndula (4,05%). Pode-se verificar que quando citadas livremente, algumas plantas presentes no questionário deste estudo não apareceram, como Guaco, Valeriana, Unha-de-gato, Salgueiro, Isoflavona-de-soja, Garra-do-diabo e Plantago. Em um estudo com profissionais integrantes de equipes de Estratégia de Saúde da Família, cerca de 41,4% dos mesmos demonstraram conhecer cerca de 75% das plantas que compõem a RENAME, porém 80,89% dos participantes citaram plantas medicinais que conhecem e prescrevem aos pacientes, onde as cinco mais frequentes foram Camomila (10,2%), Cidreira (7,5%), Boldo (7%), Malva (5,7%) e Maracujá (5,2%)²⁴.

Sobre a indicação das plantas medicinais, os participantes do estudo acertaram em sua maioria a indicação de Camomila (98,61%), Guaraná (77,78%), Guaco (56,94%), Valeriana (52,78%), Espinheira-santa (52,78%), Boldo 47,22%, Hortelã

(43,06%), Alcachofra (37,50%), Isoflavona-de-soja (25,28%), Cáscara-sagrada (22,22%), Unha-de-gato (15,28%), Salgueiro (15,28%), Garra-do-diabo (15,28%), e Plantago (2,50%). Ao se comparar com as respostas sobre conhecimento das plantas medicinais, é possível observar que para algumas plantas citadas pelos participantes como mais conhecidas, a indicação não seguiu o mesmo padrão, como por exemplo Hortelã, Alcachofra e o Boldo, podendo indicar falta de conhecimento sobre fitoterapia, visto que apenas conhecer uma planta não demonstra que o participante saiba utilizá-la. O conhecimento escasso sobre indicações corretas de plantas que constam na lista da RENAME, foi apontando em um estudo realizado com profissionais atuantes no SUS há pelo menos 10 anos que não alcançaram nem 25% de acerto nas repostas, indicando que o tema ainda é pouco explorado até para profissionais com experiência²⁴.

Ainda que relevante em quantidade de informação, o presente estudo apresentou algumas limitações. Devido a se tratar de uma pesquisa anônima com questionário online, a fidedignidade das respostas não pôde ser verificada, podendo apresentar viés de informação, no qual os participantes podem ter utilizado da possibilidade de pesquisa sobre as respostas. A fim de diminuir esta limitação, foram inclusos durante a resposta do questionário avisos como: “lembre-se, não realize pesquisas sobre as respostas, isso pode prejudicar o resultado final da pesquisa”, além de alternativas como “não sei” onde o participante tinha a possibilidade de não responder à questão.

Outra limitação encontrada está relacionada à população participante, visto que a amostra não foi distribuída homoganeamente por todas as fases, prejudicando assim a análise estatística dos dados, visto que o número de participantes referentes às fases finais foi maior do que das fases iniciais e intermediárias.

Apesar da limitação de uma discussão mais aprofundada devido a escassez de literatura específica acerca de fitoterapia e estudantes de Nutrição, o presente estudo apresenta relevância por diagnosticar a urgência da discussão do tema referente a este público, que é citado como um dos mais interessados no tema²².

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos sugerem que existe conhecimento sobre fitoterapia pelos estudantes do curso de nutrição em todas as fases, especialmente no quesito

conhecimento de plantas medicinais, porém apesar de citarem em sua maioria que o tema já foi discutido em aulas da graduação, os mesmos apresentaram um conhecimento menor da indicação adequada das mesmas plantas que afirmaram conhecer.

Além disso, o fato de a grande maioria dos estudantes afirmarem conhecer o conceito de fitoterapia, e apenas 11,11% terem respondido corretamente a diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais, pode sugerir que o conhecimento possuído pelos participantes é demasiado escasso acerca do tema fitoterapia, portanto, longe do esperado para a utilização de plantas medicinais de forma segura como complemento de suas prescrições dietéticas no futuro.

Dessa forma, com o crescimento do interesse pelo assunto e a exigência da obtenção de conhecimento científico para a utilização de forma segura de plantas medicinais e fitoterápicos, percebe-se, a necessidade da discussão do tema em uma disciplina específica que trate da sua legislação, indicação, formas de uso, efeitos adversos, doses, tempo de tratamento e interações com medicamentos.

REFERÊNCIAS

1. Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. [acesso em 2021 Dec 7]. Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf
2. Brasil, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC, Nº 26/2014. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Brasília, DF, 2014.
3. Sá KM, Lima AS, Bandeira MAM, Andriola WB, Nojosa RT. Avaliando o impacto da política brasileira de plantas medicinais e fitoterápicos na formação superior da área de saúde. Rev. Ibe. Est. Ed. [Internet]. 2018 [acesso em 2021 Dec 7];13(4):1106–31. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11160>
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016. [acesso em 2021 Dec 7]. Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf
5. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria ministerial, Nº 971/2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília, DF, 2006.
6. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução CFN Nº 402/2007. Regulamenta a prescrição fitoterápica pelo nutricionista de plantas in natura frescas, ou como

- droga vegetal nas suas diferentes formas farmacêuticas, e dá outras providências. Brasília, DF, 2007.
7. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução CFN Nº 690/2021. Regulamenta a prática da fitoterapia pelo nutricionista e dá outras providências. Brasília, DF, 2021.
 8. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução CFN Nº 525/2013. Regulamenta a prática da fitoterapia pelo nutricionista, atribuindo-lhe competência para, nas modalidades que especifica, prescrever plantas medicinais, drogas vegetais e fitoterápicos como complemento da prescrição dietética e, dá outras providências. Brasília, DF, 2013.
 9. Brasil. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES, Nº 5/2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição. Brasília, DF, 2001.
 10. Feitosa MHA, Soares LL, Borges GA, Andrade MM, Costa SM. Inserção do Conteúdo Fitoterapia em Cursos da Área de Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica* [Internet]. 2016 [acesso em 2021 Dec 7]; 40(2):197-203. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e03092014>
 11. Marques, N; Pimentel, G; Manosso, L. 1a ed. *Fitoterapia: da digestão ao comportamento alimentar*. São Paulo: Valéria Paschoal Editora; 2019.
 12. Moura, ASC; Araújo, LC; Branco, ACSC; Carvalo, LMFC. Conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos: um estudo com acadêmicos de nutrição. *Revista Interdisciplinar* [Internet]. 2016 [acesso em 2021 Dec 7]; 9(3):18-25. Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi-zOb5l9PoAhWjLbkGHdKAAVQQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F6772015.pdf&usg=AOvVaw1CeDE8u-aHjBfEu07Y_U68
 13. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. *Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: RENAME 2018* [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2018. [acesso em 2021 Dec 7]. Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/medicamentos_rename.pdf
 14. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira*. [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016. [acesso em 2021 Dec 7]. Disponível em <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/memento-fitoterapico/memento-fitoterapico.pdf/view>
 15. Siqueira ABL, Martins RD. Prescrição fitoterápica por nutricionistas: percepção e adequação à prática. *VITTALLE – Revista de Ciências da Saúde*. [Internet]. 2018 [acesso em 2021 Dec 7]; 30(1):72-83. Disponível em <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/7744>
 16. Santos, GM; Nogueira, TA; Monteiro, MJSD; Barreto, MTS, Oliveira, JK. A Fitoterapia na formação do profissional Nutricionista. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR* [Internet]. 2019 [acesso em 2021 Dec 7]; 25(1):49-52. Disponível em https://www.mastereditora.com.br/periodico/20181204_202452.pdf

17. Fukumasu H, Latorre AO, Bracci N, Górnaiak SL, Dagli MLZ. Fitoterápicos e potenciais interações medicamentosas na terapia do câncer. *Revista Brasileira de Toxicologia* [Internet]. 2008 [acesso em 2021 Dec 7];21(2):49-59. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-524336>
18. Correa N, Soares MCF, Muccillo-Baisch AL. Conhecimento do tema plantas medicinais e fitoterápicos como instrumento tecnológico na formação dos acadêmicos de enfermagem. *VITTALLE – Revista de Ciências da Saúde* [Internet]. 2018 [acesso em 2021 Dec 7];30(2):38-46. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/7496>
19. Pimentel J, Sarmiento I, Zuluaga G, Andersson N. What motivates medical students to learn about traditional medicine? A qualitative study of cultural safety in Colombia. *International journal of medical education* [Internet]. 2020 [acesso em 2022 Jan 30]; 11:120-126. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7870450/>
20. Unisul, Curso de Graduação em Nutrição. Matriz Curricular [Internet]. 2021. Palhoça, 2021. [acesso em Dec 7]. Disponível em: <http://www.unisul.br/presencial/graduacao/nutricao-pedra-branca/>
21. Santos GMD, Nogueira TA, Monteiro MJDS, Barreto MTS, Oliveira JFD. A fitoterapia na formação do profissional nutricionista. *BJSCR – Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 Jan 30]; 25(1):49-52. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20181204_202452.pdf
22. Lopes CMC, Lazzarini JR, Júnior JMS, Baracat EC. Phytotherapy: yesterday, today, and forever? *Revista Associação Médica Brasileira* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 Jan 31]; 64(9): 765-768. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/sWGM5BTcHqfqCrDXXBTyTM/?lang=en>
23. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria Nº 702/2018. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Brasília, DF, 2018.
24. Mattos G, Camargo A, Sousa CA, Zeni ALB. Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais. *Ciência & Saúde Coletiva* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 Jan 30]; 23(11):3735-3744. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Tymhc5zwFyHpb8DCWTtcf4j/?format=pdf&lang=pt>

Submissão: 12/09/2021

Aprovação: 13/02/2023